

COLAPSO NA SAÚDE RESULTA NA FALTA DE LEITOS E PROFISSIONAIS INTENSIVISTAS NAS UTIS DO PAÍS

O colapso no sistema de saúde brasileiro se deu após as aglomerações de fim de ano, e o reflexo é a falta de estrutura como leitos e profissionais qualificados nos hospitais

JORNALISTA: ANA PAULA RODRIGUES
LAYOUT: LAÍS ZORZETE MARCHIORE

Segundo pesquisadores da Oms a pandemia está longe de acabar, entretanto o que temos visto no Brasil é a segunda onda do vírus da Covid-19, resultando no colapso do sistema de saúde. Combinação de má gestão e falta de profissionais, estados temem “apagão” em hospitais, causado pela falta de médicos intensivistas necessários nas UTIs assim como o desfalque de leitos para internação de pacientes graves. Segundo levantamento da CNN seriam necessários pelo menos 33.500 médicos intensivistas a mais do que os que existem hoje para lidar com a pandemia no Brasil.

“O que precisamos é de profissionais treinados para internação sob cuidados intensivos” afirma César Eduardo Fernandes, presidente da Associação Médica Brasileira. Segundo dados do Registro Nacional de Terapia Intensiva da Associação de Medicina Intensiva Brasileira, a média de internação é de cerca de 12,5 dias em casos de Covid 19, a internação prolongada em conjunto com a explosão dos casos tem sobrecarregado os hospitais e resultando no óbito de pacientes nas filas de espera por leitos.

Os hospitais estão lidando também com a falta de medicamentos, enfermeiros e técnicos especializados em terapia intensiva. Procedimentos como intubação e sedação necessitam de profissionais experientes e medicamentos específicos pois apresenta grande risco para o paciente. O médico Osvaldo Francheschi que atua na UTI da Santa Casa de Jaú revela que presenciou falta de medicamentos no hospital, o médico que foi o primeiro a dar plantão na unidade de terapia intensiva voltado para síndrome respiratória aguda, causada pela Covid 19, relata



FOTO: BRUNO KELLY/REUTERS

que nos meses de janeiro e fevereiro a cidade chegou de 6 a 8 óbitos em um dia. “Hoje somos considerados um país de quinta categoria pela forma irresponsável que nossos órgãos de saúde trataram a pandemia” afirma o médico com indignação.

Ainda no interior de São Paulo, na cidade de São Manuel, a diretora de saúde Patrícia Rossanesi, conta como tem enfrentado o colapso nos hospitais com a falta de profissionais, leitos e medicamentos. Ela afirma que o município tem enfrentado falta de profissionais e grande dificuldade em novas contratações, visto que, a grande maioria tem recusado vagas na linha de frente do enfrentamento ao vírus. A diretora conta como é feita a contratação dos médicos in-

tensivistas, que acontecem através de análise curricular e priorizando aqueles que possuem formação e experiência na área.

Ainda sobre as adaptações na saúde para o enfrentamento da pandemia, Patrícia afirma que o município tem adequado o sistema de saúde para atender a alta demanda de casos durante o colapso, com a criação de 5 leitos de UTI e com solicitação para 7, 9 leitos novos de enfermagem e a implantação de um Pronto Socorro voltado a atendimentos de pacientes com sintomas leves, e também a criação da central Covid de teleatendimento. Ainda nas adaptações, com a alta do vírus o aumento de pacientes graves com necessidade de internação acabou gerando uma super-

lotação, e, conseqüente colapso no sistema de saúde do município. Ainda assim a diretoria garante que medidas eficazes foram tomadas, como a reorganização das estruturas físicas do hospital, para assim ampliar o número de leitos. Houve também investimentos em equipamentos como camas, monitores e respiradores. Entretanto em meio a essa crise ela também admite que houve falta de medicamentos e insumos no município, e justifica que aconteceu pelo fato do mercado nacional apresentar também falta dos medicamentos necessários, não atendendo a demanda dos municípios.

ESTUDANTES DE MEDICINA CONTINUAM SENDO CONVOCADOS PARA REFORÇAR EQUIPES MÉDICAS NO COMBATE AO COVID-19

JORNALISTA: GABRIELA DE ÂNGELO
LAYOUT: LAÍS ZORZETE MARCHIORE

Minas Gerais é um dos estados que está enfrentando a escassez de profissionais da saúde

Desde 2020, no início da pandemia, o caráter emergencial em função da falta de profissionais da área da saúde existe. Esse fato exige ações para mudar a situação, então desde que o coronavírus chegou ao Brasil, muitos estudantes de medicina estão sendo chamados para trabalhar nas linhas de frente no combate contra a doença. Nesta terça-feira (30), a Assembleia Legislativa de

Minas Gerais (ALMG) aprovou um projeto de lei que permite que estudantes de medicina, aposentados, médicos estrangeiros e voluntários ajudem no atendimento às pessoas infectadas com o vírus. Tal situação pode gerar opiniões contrárias: contratar pessoas que estudam para servir à área da saúde, mas ainda não são formadas, é uma boa opção?

A estudante do 6º período de medicina, Carolina de Ângelo de 24 anos, diz que concorda que a atitude mais responsável a se fazer e selecionar os profissionais mais treinados e habilitados para trabalhar no combate à doença, mas nesse momento é cenário é de calamidade. “Recrutar alu-

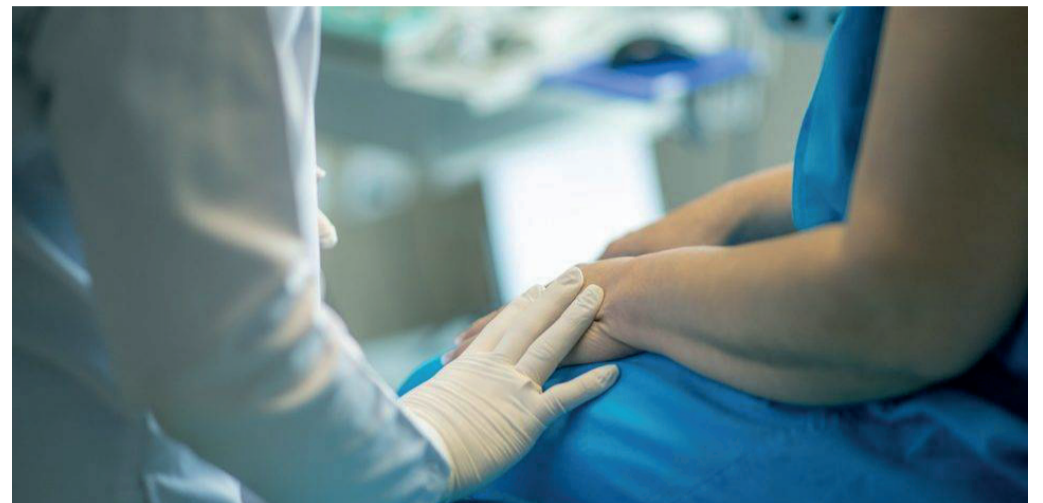


FOTO: PIXABAY

nos para tarefas que eles já tenham algum preparo, talvez seja uma alternativa. Realizar triagens e testes, por exemplo, podem ser funções que exigem menos tempo de experiência e que a maioria alunos poderia realizar sem prejuízo aos pacientes. Vale ressaltar que, atualmente, para isso, esses alunos deveriam estar vacinados”, pontua. Ela diz que, em seu 4º período da faculdade, já tinha contato com alguns pacientes, então se sentiria pronta para trabalhar realizando tarefas simples, com responsabilidade e ética profissional.

Carolina também comenta sua opinião a respeito das ações irresponsáveis da população. “Já foi

provado que o isolamento, distanciamento e o uso de máscaras são as medidas mais eficazes para evitar a propagação do vírus. Dessa forma, acredito que essa irresponsabilidade seja reflexo da cultura egoísta da população e de pouca credibilidade na ciência”, conclui.

RELATO

“Muitos entram para UTI e não conseguem sair, mas também vi vários vencerem a Covid-19.”



FOTO: REUTERS

O médico Osvaldo Francheschi relata como tem sido os últimos dias na UTI da Santa Casa de Jau com os pacientes com Covid-19, mesmo em situação de falta de medicamentos e profissionais.

“Estamos aqui à disposição para o que for, atendendo muitos pacientes, muitos entram para UTI e não conseguem sair, mas também vi vários vencerem a Covid-19. Graças a Deus, estamos tendo uma reversão muito grande dos pacientes que estão internados agora. A média de pacientes internados hoje é no mínimo de 40 à 45 em UTI e nós conseguimos reverter todos eles pra alta, e estamos muito felizes com isso, comparado a janeiro e fevereiro que foi uma fase muito grave. Apesar de

estarmos revertendo alguns casos, mesmo nessa situação com falta de medicamentos, leitos, profissionais, a pandemia ainda está grave, e infelizmente nos deparamos com jovens aglomerando, uma circulação ainda grande de pessoas pelas ruas, com atitudes irresponsáveis dos governantes a nível federal, estadual e municipal. Não é porque revertermos alguns pacientes que a pandemia está acabando. Temos que continuar nos protegendo, pois se relaxarmos, todo aquele colapso que tínhamos até em fevereiro, retornará novamente.”

JORNALISTA: ISABELA TESSER
LAYOUT: LAÍS ZORZETE MARCHIORE